



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG**  
**CENTRO DE HUMANIDADES - CH**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA- UAG**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM ANÁLISE REGIONAL E ENSINO DE GEOGRAFIA**

**SEVERINO JUSTINO SOBRINHO**

**FRAGMENTAÇÃO TERRITORIAL DE PRODUTOS AGRÍCOLAS  
AGROECOLÓGICOS E TRADICIONAIS DE ALAGOA NOVA - PB**

**CAMPINA GRANDE- PB**

**MAIO/2015**

**SEVERINO JUSTINO SOBRINHO**

**FRAGMENTAÇÃO TERRITORIAL DE PRODUTOS AGRÍCOLAS  
AGROECOLÓGICOS E TRADICIONAIS DE ALAGOA NOVA – PB**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Análise Regional e Ensino de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, Campus I, para obtenção do título de Especialista em Geografia, sob orientação da Prof. Dra. Sonia Maria de Lira.

CAMPINA GRANDE- PB

27/05/2015



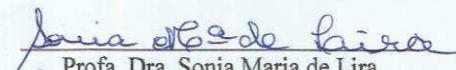
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ANÁLISE REGIONAL  
E ENSINO DE GEOGRAFIA**

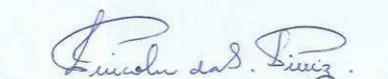
**SEVERINO JUSTINO SOBRINHO**

**FRAGMENTAÇÃO TERRITORIAL DE PRODUTOS AGRÍCOLAS  
AGROECOLÓGICOS E TRADICIONAIS DE ALAGOA NOVA - PB**

Aprovado em: 27 de maio de 2015.

**Banca Examinadora**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Sonia Maria de Lira  
Orientadora – UAG/CH/UFCC

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz  
Examinador – UAG/CH/UFCC

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Sérgio Murilo Santos de Araújo  
Examinador – UAG/CH/UFCC

À minha esposa, companheira, amiga, cúmplice, Maria Regina Alves dos Reis e meu filho César Justino dos Reis, sempre me apoiando incondicionalmente na vida, nos estudos, sendo minha fortaleza no caminhar diário. E a toda minha família.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de sabedoria e inspiração.

À Professora Sônia Maria de Lira, orientadora que aceitou e me conduziu na orientação deste trabalho, apesar dos percalços nunca deixou de me direcionar, estando sempre disposta a atender e a me recolocar nos trilhos certos da pesquisa. O meu muito obrigado, pelo apoio e conhecimento transmitido.

Aos agricultores do Sítio Ribeiro e membros das associações locais, da Ecoborborema e do polo Sindical da Borborema.

Às colegas Geógrafas, Renata Xavier de Lima e Ana Paula de Araújo Alves, sempre prestativas quando solicitadas.

Ao meu amigo geógrafo e futuro administrador Kleiton Wagner, pela elaboração dos mapas, sempre prestativo quando solicitado.

À professora Aline Barboza de Lima, que na graduação iniciou-me nesta temática através dos projetos de extensão sobre as feiras agroecológicas, e desde então, as minhas pesquisas têm sido realizadas no âmbito da Geografia Agrária.

À colega de curso, Genira Pereira da Costa, que durante a graduação despertou-me para esta temática local.

Aos professores do curso de Especialização em Análise Regional e Ensino de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), nas pessoas da Profa. Anna Raquel, Profa. Débora, Prof. Lincoln, Prof. Luiz Eugênio, Prof. Paulo Sérgio Cunha, Prof. Sérgio Malta, Prof. Sérgio Murilo, Profa. Sonia Maria (orientadora). Pelos conhecimentos transmitidos em aula e por esta troca de experiência durante o curso.

Aos colegas de curso: Ana Carolina, Elaine, Genira, Hayldon, Ionara, Jefferson, Célia, Juliana, Luciano, Luiz Gustavo, Phablo, Rodrigo, Valter, Vanderleia, e Viviane, pela convivência semanal e debates nas aulas durante o curso.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AESA	Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba
AS-PTA	Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa
EMPASA	Empresa Paraibana de Abastecimento e Serviços Agrícolas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PB	Paraíba
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PSB	Polo sindical da Borborema
SEDAP	Secretaria de Estado do Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca
UFMG	Universidade Federal de Campina Grande

## LISTA DE FIGURAS

Figura: Nº: 01 Vista Parcial do Sítio Ribeiro.....	20
Figura Nº 02: Banners no interior da empresa.....	24
Figura Nº 03: Controle de qualidade.....	24
Figuras Nº 04 e Nº 05: Selos da comercialização de folhagens da Hortaliças Sempre Verde.....	24
Figura Nº 06: Vista da sede da empresa Hortaliças Sempre Verde.....	25
Figura Nº 07: Perfuração de poço artesiano.....	27
Figura Nº 08: Irrigação por aspersão na empresa Hortaliças Sempre Verde.....	27
Figuras Nº 09 e Nº 10: Construção de barragens para irrigação das hortaliças na empresa ao longo de córrego próximo a propriedade.....	28
Figura Nº 11: Calha no calçamento que liga a empresa ao sítio Ribeiro, para reaproveitar a água pluvial.....	28
Figura nº 12: Caminhão para o abastecimento de água.....	28
Figuras Nº 13 e Nº 14: Reunião da Ecoborborema em Lagoa Seca-PB.....	32
Figura Nº 15: Certificado dos pequenos produtores das feiras agroecológicas.....	33
Figuras Nº 16 e Nº 17: Feiras da Estação Velha e do Catolé em Campina Grande.....	35
Figura: Nº 18 : Feira agroecológica de Esperança-PB.....	36

## **LISTA DE MAPAS**

Mapa N° 01: Localização do município de Alagoa Nova-PB	19
Mapa N° 02: Fragmentação da comercialização de produtos agrícolas de Alagoa Nova-PB	26
Mapa N° 03: Produção Agroecológica vendida nas feiras de Esperança-PB e Campina Grande-PB	30

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a fragmentação territorial de produtos agrícolas agroecológicos e tradicionais de Alagoa Nova - PB, através da empresa Hortaliças Sempre Verde, e dos pequenos produtores agroecológicos, visando identificar como ocorre a produção flexível entre a empresa e a produção familiar, como também a sua fragmentação territorial a partir da comercialização. Quanto à metodologia realizamos uma pesquisa qualitativa que se destaca na investigação do mundo e dos sujeitos que nele vivem. Entre os instrumentos metodológicos utilizados destacamos: estudo exploratório, pesquisas bibliográficas, registros fotográficos nas localidades pesquisadas e entrevistas com agentes destas atividades. A pesquisa possibilitou uma maior compreensão sobre as inter-relações entre a empresa, anteriormente citada, os agricultores familiares e outros segmentos do mercado, as quais foram representadas através de mapas. Assim como, enfatizou-se sobre a busca por novas territorialidades e autonomia dos pequenos produtores nas localidades, que trabalham com produtos agroecológicos e usam as feiras destinadas a esta comercialização.

**Palavras Chaves:** fragmentação territorial, agroecologia, autonomia, produção flexível.

## ABSTRACT

This work aims to analyse the territorial fragmentation of the agricultural, agroecological and traditional products from Alagoa Nova – PB, by the business *Hortaliças Sempre Verde*, and the small agroecological farmers, aiming to identify how the flexible manufacturing between the business and familiar production occurs, as well as its territorial fragmentation from the commercialization. Regarding the methodology, we have made a qualitative research, which stands out in the world and its inhabitant's investigation. Among the methodological instruments used, we highlight exploratory study, bibliographic research, photographic records in the researched locations, and surveys with these activities' agents. The research enabled a greater understanding on the inter-relations between the business (see above), the family farmers and the other market sectors, which were represented using maps. In addition, it was emphasized the search for new territorialities and the autonomy of the small farmers in the locations, who work with agroecological products, and who use the street markets destined to this kind of commercialization.

**Key Words:** territorial fragmentation, agroecology, autonomy, flexible production

## SUMÁRIO

**Listas de figuras**

**Lista de mapas**

**Lista de abreviaturas e siglas**

**Resumo**

**Abstract**

<b>INTRODUÇÃO</b>	13
<b>CAPÍTULO I - AGRICULTURA BRASILEIRA: O AGRESTE NORDESTINO E OS BREJOS EM DESTAQUE</b>	15
<b>1.1 O AGRESTE AGRÁRIO TRADICIONAL E OS AGROECOLÓGICOS</b>	18
<b>CAPÍTULO II - A PRODUÇÃO FLEXÍVEL NA AGRICULTURA</b>	22
<b>2.1 FRAGMENTAÇÃO TERRITORIAL E COMERCIAL DAS HORTALIÇAS SEMPRE VERDE</b>	23
<b>2.1.1 CONTROLE DE QUALIDADE</b>	24
<b>2.1.2 CERTIFICAÇÕES DAS FOLHAGENS DA HORTALIÇAS SEMPRE VERDE</b>	24
<b>2.2 IRRIGAÇÕES NAS HORTALIÇAS</b>	26
<b>CAPÍTULO III - FEIRAS AGROECOLÓGICAS: uma contra hegemonia?</b>	30
<b>3.1 FEIRAS LIVRES: a lógica capitalista também está presente</b>	34
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	37
<b>REFERÊNCIAS</b>	38

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa versa sobre a produção e comercialização de produtos agrícolas de Alagoa Nova- PB para as feiras agroecológicas da Região Agreste da Paraíba e para as redes varejistas de supermercados e restaurantes do próprio estado, assim como para outros estados da região Nordeste.

O objetivo desta pesquisa é analisar a fragmentação territorial de produtos agrícolas agroecológicos e tradicionais de Alagoa Nova - PB, destacando a empresa rural Hortaliças Sempre Verde, e os pequenos produtores agroecológicos autônomos.

Como objetivos específicos, a pesquisa visa analisar como ocorre a produção flexível entre a Hortaliças Sempre Verde e os pequenos produtores agroecológicos do Sítio Ribeiro no mesmo município; mapear a fragmentação territorial da produção e comercialização da Hortaliças Sempre Verde e dos pequenos produtores agroecológicos e verificar as formas de produção agroecológicas autônomas de pequenos produtores e sua comercialização com as feiras.

A relevância da pesquisa se dá a partir do debate atual das políticas públicas no/do campo, em meio à rotulagem de alimentos geneticamente modificados e para uma maior ampliação nas questões que envolvem a segurança alimentar com a alimentação saudável. Apesar de toda a capitalização que adentrou no campo, sobretudo no agronegócio, a agricultura de pequena escala mostra-se firme no propósito de alimentar boa parte da população, seja através da autonomia, com as feiras livres ou pela intermediação dos grandes distribuidores de alimentos. Sendo assim, é de grande importância investigar quem de fato produz os alimentos.

Ademais, o autor da pesquisa é filho de agricultor e professora, por isso a agricultura familiar sempre esteve presente em sua vida, de forma direta, mas o despertar para esta investigação ocorreu na vida acadêmica, pois descobriu que no seu município há agricultores que desenvolvem suas práticas agrícolas de forma orgânica sem o uso de agrotóxicos na lavoura, indo de encontro a uma corrente capitalista mundial que é a produção em massa, com uso de agrotóxicos com o objetivo de aumentar a produção.

Na metodologia trabalhamos com a pesquisa qualitativa que “investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Contudo, a pesquisa só existe com a contribuição de procedimentos metodológicos adequados, que permitam a aproximação ao objeto de estudo”,

segundo Chizzoti (1995,p.11 apud PIANA, 2009). Por isso, entre os instrumentos metodológicos utilizamos: pesquisa bibliográfica, estudo exploratório com registros fotográficos e entrevistas com os agentes dos espaços agrícolas.

Sendo assim, o trabalho desenvolveu-se no I capítulo com a discussão sobre a produção agrícola no Nordeste, com ênfase para o Agreste paraibano. Como também, ressalta sobre os minifúndios produtivos que persistem alimentando a maior parcela da população, incluindo a atividade da policultura que contribui com o abastecimento alimentar tanto local quanto regional, a partir do município de Alagoa Nova/PB.

No II capítulo, é ressaltada sobre a produção flexível na agricultura, através da empresa rural Hortaliças Sempre Verde e os pequenos produtores. Destaca-se também a fragmentação territorial produtiva e comercial entre os estados da Paraíba e outros da região Nordeste.

No III Capítulo, abordamos a busca por autonomia e novas territorialidades dos pequenos produtores com as feiras agroecológicas da região Agreste da Paraíba. Estes territórios configuram-se a partir de uma ação coletiva conquistada pelos agricultores em parcerias com instituições sociais e entidades não governamentais apoiadoras destas práticas agrícolas agroecológicas, em que destacamos as feiras no processo de escoamento das mercadorias.

Por fim, nas considerações finais, buscou-se concluir que a empresa Hortaliças Sempre Verde se utiliza da produção flexível para ampliar o lucro através da produtividade e da comercialização. Uma contracorrente a este processo são os produtores agroecológicos que buscam uma maior autonomia através das feiras agroecológicas, associações e sindicatos, apesar da dificuldade seletiva feita pelos próprios agricultores para entrar nestas feiras.

## CAPÍTULO I

### **AGRICULTURA BRASILEIRA: O AGRESTE NORDESTINO E OS BREJOS EM DESTAQUE**

A questão agrária brasileira torna-se pauta de discussões na temática atual entre a agricultura familiar e empresarial. As práticas agrícolas de uso e apropriação de terras remontam aos processos de colonização brasileira, pelo qual o latifúndio começaria a se difundir no Brasil, do litoral ao interior. De acordo com Prado Junior (1979, p.18) “o tipo de estrutura agrária do país, cujo traço essencial consiste na acentuada concentração da propriedade privada”, possibilita que uma elite mantenha-se privilegiada com a exploração do trabalho dos pequenos agricultores, expropriando sua produção e mão-de-obra.

A agricultura brasileira expandiu-se aumentando seu capital com uma agricultura direcionada para a classe empresarial do campo. Esta forma produtiva aumentou significativamente a concentração fundiária e o aumento do latifúndio, que corroborou para uma intensa exploração, já ressaltada anteriormente. A acumulação do capital é uma das ferramentas do capitalismo. Para Oliveira (2007) o modo capitalista de produção implantar-se-ia de forma plena na agricultura, tal qual se implantou na indústria. O território agrário brasileiro historicamente continua concentrado em quem detém maior poder aquisitivo, os latifundiários.

Nesta perspectiva Castro (2010) ressalta que o território surge na Geografia política como espaço concreto em si ocupado por um grupo social, onde as relações são projetadas no espaço com suas funcionalidades. No território agrário a persistência do modelo agrário conservador gera a dependência de uma minoria de produtores agrícolas ao venderem suas forças produtivas e suas produções por valores irrisórios aos do mercado formal.

As formas tradicionais da agricultura exercida por fazendeiros mantêm táticas de apropriação produtiva da agricultura familiar, que, não tendo uma interdependência produtiva e comercial nos seus lotes, ficam presas as amarras dos interesses capitalistas agrários. Neste sentido Soares (1976, p.66) destaca que: “o excedente de mão-de-obra faz com que o minifúndio seja o principal fornecedor de mão-de-obra tanto dos latifúndios tradicionais quanto das fazendas comerciais monocultoras na época de plantio e colheita”, ou seja, estes trabalhadores mantêm relações com as grandes propriedades agrícolas para poder sobreviver.

Quando o minifúndio se localiza dentro do latifúndio, dispendo o camponês somente do direito de uso da terra de propriedade do latifúndio [...] o minifúndio cumpre, [...] a função de tornar rentáveis terras que, de outra maneira, permaneceriam abandonadas e improdutivas. (SOARES, op.cit. p.66)

É importante destacar que, as terras mais férteis são de privilégios dos latifundiários que detém o poder no meio rural, aumentando as submissões do pequeno trabalhador ou mesmo dos que não dispõem de lotes de terras para o cultivo. Estas questões aniquilam aos poucos as propriedades de subsistências, com a grande propriedade favorecida pelo Estado. De acordo com (CLEPS JUNIOR, 2010, p.39), na década de 1980, a crise fiscal gerou grandes impactos econômicos na redução do papel do Estado, favorecendo uma política neoliberal.

Neste sentido, Santos e Silveira (2001) ressaltam que “a política financeira adotada pelo Estado favorece as empresas e desconsidera as massas”. Este fato é percebido no espaço agrário, quando há todo um investimento dos setores públicos para as políticas econômicas e produtivas das empresas rurais, isto aumenta a concentração de latifúndios e dependência do pequeno produtor rural.

Apesar da subordinação produtiva, a função social da terra é mais acentuada pela agricultura de subsistência, em que o agricultor planta para o consumo familiar e o excedente é vendido para suprir outras necessidades da família. Por outro lado, cresce a proletarianização agrícola e o assalariamento do pequeno agricultor, remunerado ou mal remunerado.

É a grande propriedade que ocupa as terras mais favoráveis, seja pelas suas qualidades naturais, seja pela sua localização- faz com que, de um lado, uma considerável parcela da população rural se encontre insuficiente aquinhoadada, e não disponha de terras suficientes para sua manutenção em nível adequado. [...] A presença de tão considerável massa de trabalhadores sem outro recurso que alienar sua força de trabalho faz pender a balança da oferta e procura de mão-de-obra decisivamente em favor da procura, que se encontra assim em situação de impor suas condições quase sem limitações, nas relações de trabalho. (PRADO JUNIOR, 1979, p.17/18).

A partir do exposto percebe-se a exploração da mão-de-obra e as condições precárias de trabalho nos latifúndios privados. Para a imensa massa de trabalhadores rurais a terra e as atividades exercidas nela representam a única alternativa de sobrevivência. Enquanto, para o grande proprietário, a terra representa um negócio lucrativo, dentro da lógica do capital. Santos (2009) destaca que o campo modernizado na atualidade é o lugar das novas monoculturas, com submissões da agricultura de pequeno porte.

Com o aprimoramento das técnicas que ocorreu no espaço agrário, a partir da Revolução Verde de 1960, houve a introdução maciça de produtos químicos para uma maior produtividade agrícola comercial, ocorrendo um agravamento nas condições de trabalho, com ampliação dos problemas de saúde dos agricultores.

Em todo o Brasil a produção da monocultura fortaleceu a concentração nos latifúndios. Iniciando-se com a cana-de-açúcar, seguido do café, da pecuária, e do algodão. Isto significou a eliminação das culturas de subsistência, pois este tipo de cultura absorveu o máximo de terras cultiváveis. Santos e Silveira (2001) destacam que há no Brasil uma estrutura agrária defeituosa na maior parte do território brasileiro com permanência da concentração de terras e resquícios de todo tipo de exploração.

Na região Nordeste a questão agrária assume também um caráter de expropriação e submissão produtiva por meio da grande propriedade suprimindo a produção e a força de trabalho dos pequenos agricultores. A exploração da terra que adentrou no litoral, continuou com a mesma proporção no interior nordestino, sempre à custa da exploração do trabalho e de vidas ceifadas por propósitos financeiros para obtenção de lucros privados, com apoio inclusive estatal.

Proteção dispensada pelos órgãos governamentais à grande lavoura- à cana-de-açúcar, ao café, ao cacau etc.- e ao completo desprezo às lavouras de subsistência ou “lavouras de pobre”, como se diz frequentemente no Nordeste. As primeiras têm crédito fácil, garantia de preços mínimos, assistência de estações experimentais, comercialização organizada etc., enquanto as segundas são abandonadas ao crédito fornecido por agiotas, às tremendas oscilações de preço entre a safra e a entressafra e à ganância dos intermediários. (ANDRADE, 1998,p, 64)

Nesta região a agricultura capitalista provocou a expulsão de muitos camponeses de suas localidades. Cada vez mais as técnicas chegam ao campo diminuindo a força de trabalho braçal, o que significou o aumento gradativo do maquinário e de subempregos.

Prado Junior (1979) destaca que, a estrutura agrária no Nordeste compreende dois tipos: um grupo de zonas úmidas litorâneas, que são essencialmente agrícolas e o outro caracterizado por zonas de semiaridez, ou Polígono das Secas<sup>1</sup>, com destaque para a pecuária.

---

<sup>1</sup> Recomenda-se, também, não utilizar mais o Polígono das Secas como instrumento legal de delimitação de áreas do Nordeste sujeitas às secas, uma vez que após a criação da Região Semi-árida, pela Lei Federal nº 7.827, de 27 de setembro de 1989, a delimitação anterior perdeu o sentido. Brasil (2005, p.22).

Segundo Andrade (1998), existe o “Nordeste da cana-de-açúcar e do gado e o Nordeste da pequena propriedade”. Percebe-se, portanto, duas realidades agrícolas distintas na região, uma da monocultura da cana-de-açúcar, juntamente com a pecuária para abastecer os proprietários dos canaviais, e outra da agricultura de pequeno porte que tenta resistir à exploração capitalista com sua produção local, mas com condições bastante precárias. É a atividade dos pequenos produtores nos minifúndios que predomina no Agreste nordestino.

### **1.1 O AGRESTE AGRÁRIO TRADICIONAL E OS AGROECOLÓGICOS**

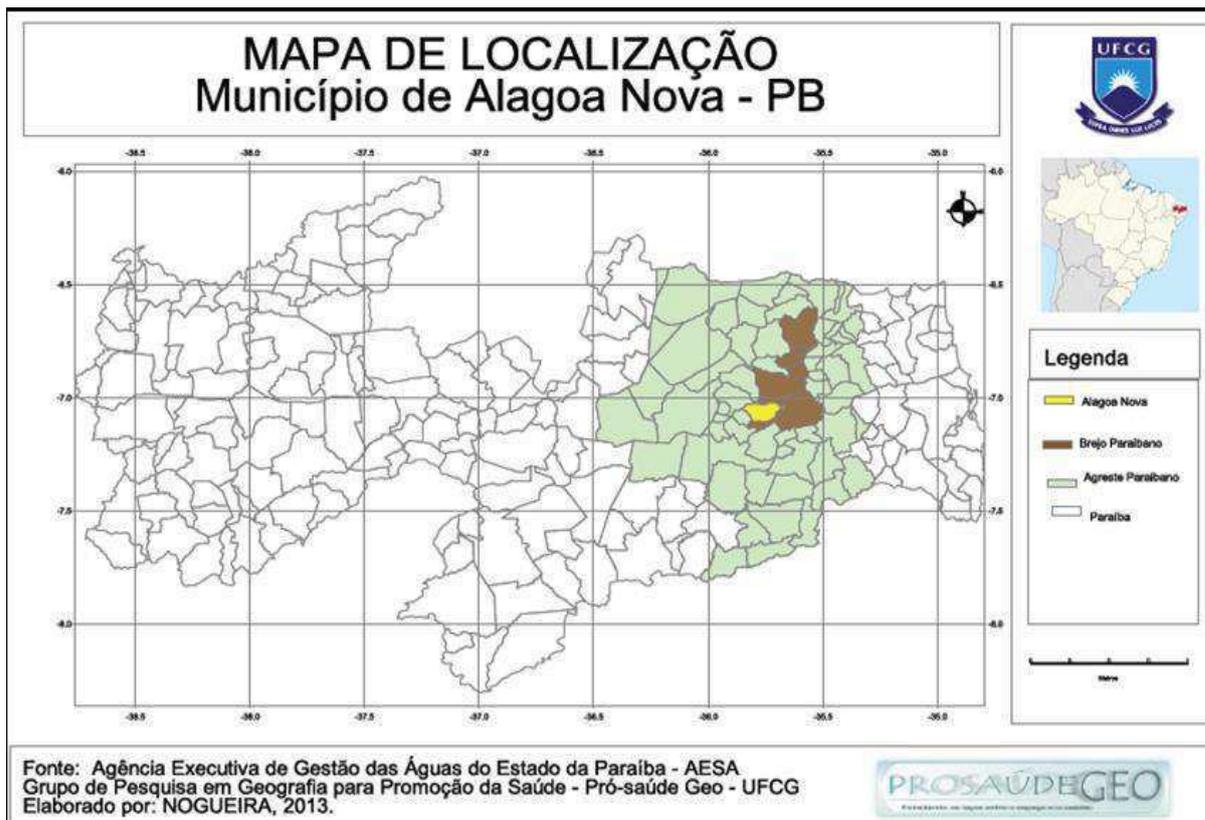
Na região Agreste a agricultura se firmou em níveis da agricultura do tipo policultora, apesar da monocultura da cana-de-açúcar e a pecuária também estarem presentes nesta região. Segundo Andrade (op.cit), o clima da região contribui para as diversas práticas agrícolas.

Os espaços agrestinos são caracterizados pela “diversidade de paisagens [...], funcionando quase como uma miniatura do Nordeste, com suas áreas muito secas e muito úmidas” (ANDRADE, op.cit, p.44). Em alguns locais os níveis pluviométricos são inferiores a mil milímetros, já nos brejos esses níveis são constantemente ultrapassados. Entre os municípios localizados nas áreas de brejos destacamos Alagoa Nova/PB.

Este município situa-se na microrregião do Brejo e mesorregião do Agreste Paraibano, com uma população, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2010) de 19.681 habitantes, com distância de 148 km da capital João Pessoa. Por possuir condições agricultáveis mais favoráveis sobressai-se na produção de hortaliças.

Os chamados brejos de altitudes são verdadeiras relíquias do Nordeste. De acordo com Brasil (2004), apesar da perda da biodiversidade ocasionada pela destruição com os desmatamentos provocados pelos seres humanos, na qual a agricultura contribui para este cenário, ainda persistem áreas com resquícios florestais importantes. Porém, há a necessidade de uma maior conscientização para preservar este patrimônio florístico e faunístico.

Mapa: Nº 01: Localização do município de Alagoa Nova-PB



O Agreste, localizado quase inteiramente sobre a Borborema, apesar de próximo à área açucareira e de dispor de condições climáticas e pastagens favoráveis ao desenvolvimento da pecuária, foi tardiamente povoado (ANDRADE, op. cit. p.152). No entanto, atualmente tem contingente populacional significativo e mantém atividades agrárias diversificadas.

A agricultura capitalista encontra-se cada vez mais ligada à cidade através das empresas rurais. Neste sentido, enfatizamos sobre a empresa Hortaliças Sempre Verde que mantém uma agricultura empresarial com parte da produção própria e outra parte comprada aos pequenos agricultores.

A dinâmica produtiva desta região é baseada principalmente na agricultura tradicional. No entanto, há destaque para uma agricultura que não agride drasticamente o meio ambiente, a agroecológica. Produzida por agricultores de pequeno porte, que têm como objetivo principal contrapor-se às práticas convencionais vêm buscando novos espaços para escoar suas produções, como podem ser exemplificados pelos produtos do sítio Ribeiro, no Agreste paraibano, conforme figura nº01.

Figura: Nº: 01 Vista Parcial do Sítio Ribeiro



Fonte: Foto do autor, 28/08/2011.

Compreendendo o território a partir da apropriação através das relações de poder (Castro, 2010) e entendendo estas relações no espaço rural percebe-se que a reestruturação das atividades agrícolas na empresa Hortaliças Sempre Verde acarretou a aquisição de territórios de pequenos agricultores do seu entorno, para a ampliação de suas áreas produtivas e para armazenamento dos recursos hídricos. Isto trouxe problemas para as fontes de águas de pequenos produtores das áreas mais altas ocasionando quase que a extinção destes suprimentos hídricos para eles.

No caso da comercialização a Hortaliças Sempre Verde tem buscado novos territórios de escoamento das mercadorias em várias localidades do Nordeste, mas os pequenos produtores da agricultura familiar, organizados em associações e sindicatos, também têm ampliado as suas comercializações através dos territórios das feiras agroecológicas.

Os territórios agroecológicos<sup>2</sup> em Alagoa Nova - PB mantém tradições de cultivo e produção, já a comercialização é bastante diversificada, com agricultores que vendem seus produtos a intermediários, como as redes de supermercados, mas também há produtores que vendem diretamente nas feiras agroecológicas, sem intermédio de atravessador, ou para

---

<sup>2</sup> Os territórios da agroecologia são construídos a partir das cooperações sujeitos-sujeitos e sujeitos-natureza, acabando por ter sua expressão territorial pautada na inclusão e na busca por autonomia (ITABORAHY, 2010, p. 08).

programas governamentais como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) ou o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), numa espacialização territorial que não se restringe ao local.

Estes programas governamentais ajudaram à pequena produção agrícola familiar, pois desenvolvem estratégias que valorizam a venda direta ao consumidor através da agroecologia, com um maior retorno financeiro às famílias e suas entidades apoiadoras, com valorização de sua produção territorial.

Em Alagoa Nova, existem diversos agricultores que mantêm esta prática de sustentabilidade agrícola, baseada nos princípios da Agroecologia. A mais de 12 (doze) anos estes agricultores conquistaram novas territorialidades<sup>3</sup> nas diversas feiras agroecológicas que acontecem na região Agreste, nas cidades de Campina Grande-PB e Esperança-PB. Paralelamente existe também a Hortaliças Sempre Verde, já citada anteriormente, que atua sob os modelos de produção capitalista com a venda de sua produção para redes varejistas instaladas na Paraíba e em outros estados.

Desta forma, os pequenos agricultores que produzem agroecológicos, ou não, os quais se envolvem com a referida empresa, através da subcontratação, passam a seguir a mesma lógica capitalista e se subordinar às regras impostas por ela.

De acordo com Abramovay (1992), na questão agrária existe na agricultura familiar adaptações ao capitalismo, forma em que os agricultores encontraram para sobreviver. E esta sobrevivência ocorre, em muitos casos, passando a ser subcontratados, através do excedente da produção de sobrevivência, participando da chamada flexibilidade produtiva, que trataremos no próximo capítulo.

---

<sup>3</sup> A territorialidade aparece como uma interação entre dois sistemas, um espacial e outro informacional, na perspectiva de assegurar a autonomia de uma coletividade através do tempo (HAESBERT,2010).

## CAPÍTULO II

### A PRODUÇÃO FLEXÍVEL NA AGRICULTURA

A produção flexível que tem prioritariamente, atingido a produção industrial, incluindo, sobretudo a automobilística, também tem se adentrado na produção agrária e no espaço rural. Isto, porque, o sistema capitalista tenta encontrar todas as formas de ampliar a lucratividade em todos os espaços.

A flexibilização da produção de acordo com Harvey (1993) surge no Japão com as mudanças tecnológicas através da nova reestruturação do capital, a partir da inovação comercial e organizacional. Esta lógica se difundiu também no campo que se tornou cada vez mais tecnificado. O modelo produtivo flexível trouxe transtornos para os trabalhadores através das condições precárias, do trabalho temporário, das subcontratações, da terceirização da produção, entre outras.

A acumulação flexível [...] caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como em regiões geográficas. (HARVEY, op. cit, p. 140)

É na questão organizacional e na fragmentação territorial produtiva que os trabalhadores subcontratados na agricultura passam a ter maior exploração da mais-valia, pois deixam de ser produtores rurais de subsistência para se tornar mão-de-obra terceirizada.

A Empresa Hortaliças Sempre Verde entra nesta lógica da produção flexível e possui vários agricultores que produzem e fornecem seus produtos para ela. Entre eles citamos os agricultores do Ribeiro, pois boa parte deles tem uma quantidade de mercadorias semanalmente para vender ao dono da empresa Hortaliças Sempre Verde. Como também, muitos outros produtores rurais de outros municípios, inclusive pertencentes ao estado de Pernambuco, passaram a fornecer seus produtos a esta empresa, através da produção flexível que é e fragmentada em diversos territórios.

## 2.1 FRAGMENTAÇÃO TERRITORIAL E COMERCIAL DAS HORTALIÇAS SEMPRE VERDE

A empresa Hortaliças Sempre Verde<sup>4</sup>, mantém fragmentações territoriais de sua produção em cidades paraibanas e de outros estados nordestinos, numa demanda diária que exige qualificação dos trabalhadores envolvidos e uma estrutura viária de transporte para facilitar o escoamento, em escala territorial que vai do local ao regional. A maior parte da produção é vendida para o grupo Wal-Mart<sup>5</sup> através da rede de supermercados Hiper Bom Preço e restaurantes de três capitais do Nordeste (João Pessoa, Recife e Natal), além de Mossoró-RN, Parnamirim-RN, Campina Grande-PB, entre outras cidades.

Os fluxos nos dão o processo imediato do trabalho. Os fixos são os próprios instrumentos de trabalho e as forças produtivas em geral, incluindo da massa dos homens. Não é por outra razão que os diversos lugares, criados para exercitar o trabalho, não são idênticos e o rendimento por eles obtido está em relações com a adequação dos objetos ao processo imediato do trabalho. Os fluxos são o movimento, a circulação e assim eles nos dão também a explicação dos fenômenos da distribuição e do consumo. (SANTOS, 2008, p. 86)

Sendo assim, são necessários os fixos produtivos das hortaliças, mas com garantia de que hajam fluxos permanentes para que possam ser realizadas as comercializações.

A empresa Hortaliças Sempre Verde possui entre os fixos e os fluxos da empresa mais de cem empregados. Além de uma produção própria de forma convencional, a empresa vai buscar fora de seu território sede, outras hortaliças para manter a demanda de mercado. Diariamente é comprada na Empresa Paraibana de Abastecimento e Serviços Agrícolas (EMPASA), vinculada a Secretaria de Estado do Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca (SEDAP) um caminhão de hortaliças e leguminosas que são trazidos para a empresa local para passar por todo um processo de embalagem e qualidade e em seguida são encaminhados para as redes de supermercados.

---

<sup>4</sup> A empresa Hortaliças Sempre Verde surge em Abril de 2003, no povoado de São Tomé em Alagoa Nova-PB. No início vendia seus produtos nas feiras, mas logo expandiu-se e começou a fornecê-los às redes de supermercados da Paraíba e outros estados da região Nordeste (HORTALIÇAS SEMPRE VERDE: RESPONSABILIDADE COM A SAÚDE E COM O MEIO AMBIENTE, 2015).

<sup>5</sup> O grupo Walmart é um empreendimento do americano Sam Walton criado em 1962 no estado do Arkansas, Estados Unidos. É de longe o maior gigante do varejo global. A empresa chegou ao Brasil em 1995 e atualmente conta com mais de 500 lojas distribuídas em 18 estados e no Distrito Federal. O Walmart teve o melhor desempenho de vendas do setor varejista nacional em 2012, da ordem de 7,6 bilhões de dólares. A corporação não está presente nos estados da região Norte, mas tem a maioria das suas lojas nas capitais do sudeste e sul, e vem se expandindo rapidamente na região Nordeste por meio da compra de estabelecimentos regionais. Na Paraíba, o grupo é representado pelos hipermercados Bompreço, que foram vendidos ao grupo em 2004. (BELLEZA, 2014)

### 2.1.1 CONTROLE DE QUALIDADE

Quanto à qualidade da produção esta se baseia nos princípios capitalistas sempre no propósito de satisfazer a clientela final, conforme mostram as figuras nº 02 e nº 03.

Figura Nº 02: Banners no interior da empresa



Fonte: Foto do autor, 27/02/2015.

Figura Nº 03: Controle de qualidade



Fonte: Foto do autor, 27/02/2015.

O controle de qualidade é feito pelo tamanho das hortaliças, em que os produtos descartados são jogados para o gado ou para servir de adubo nas plantações. E somente os produtos que atendem às exigências do mercado são encaminhados para os compradores.

### 2.1.2 CERTIFICAÇÕES DAS FOLHAGENS DA HORTALIÇAS SEMPRE VERDE

Outro aspecto que apresenta a exigência do mercado é a necessidade de certificação para os diversos produtos. As figuras, nº 04 e nº 05 a seguir, apresentam os selos da certificação orgânica e da produção convencional da Hortaliças Sempre Verde.

Figuras: Nº 04 e Nº 05: Selos da comercialização de folhagens da Hortaliças Sempre Verde

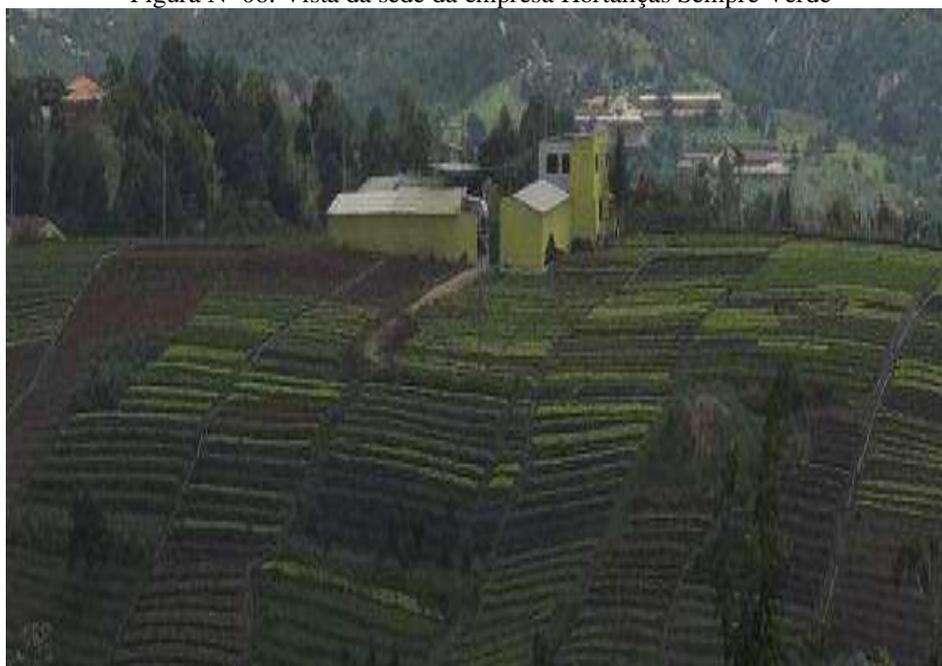


Fonte: Fotos do autor, 17/02/2015.

A produção orgânica comercializada na Hortaliças Sempre Verde possui toda uma rotulagem do marketing empresarial, de acordo com Belleza (2014) no cenário atual altamente competitivo do mercado aberto. A concepção de alta qualidade alimentar são compartilhadas pela empresa e por seus parceiros de mercado.

O selo Ecocert<sup>6</sup> é de produtos de dois agricultores que produzem para Hortaliças Sempre Verde. Anualmente este selo é pago pela empresa, que dá todo suporte para os agricultores fornecedores. A figura nº 06 apresenta a sede da Hortaliças Sempre Verde, localizada no Sítio São Tomé de Alagoa Nova-PB.

Figura Nº 06: Vista da sede da empresa Hortaliças Sempre Verde



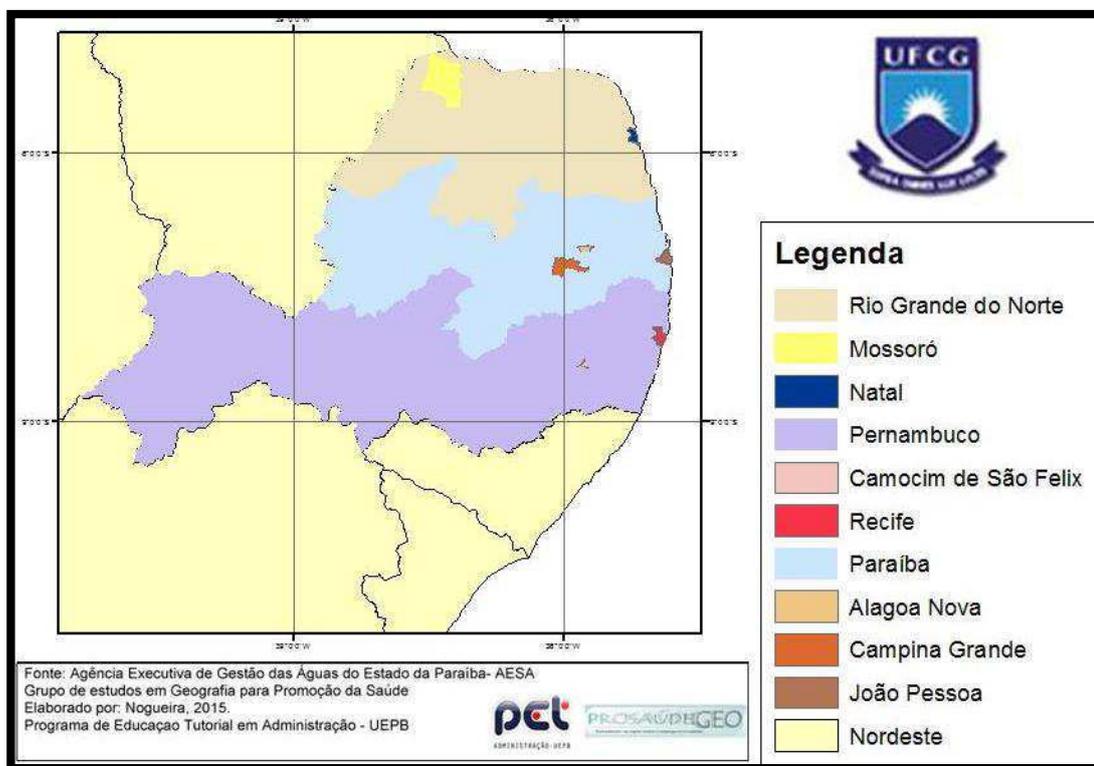
Fonte: Foto do autor, 27/02/2015

Contudo, além da EMPASA e dos territórios no entorno da empresa, também são comprados produtos de Pernambuco e Rio Grande do Norte. Além disso, a comercialização ocorre nos estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba, já citados anteriormente. A figura a seguir mostra fragmentação da produção comercializada da Hortaliças Sempre Verde na região Nordeste:

---

<sup>6</sup> A Ecocert é um organismo de inspeção e certificação fundado na França, em 1991, por engenheiros agrônomos conscientes da necessidade de desenvolver um modelo agrícola baseado no respeito ao meio ambiente e de oferecer um reconhecimento aos produtores que optam por essa alternativa. Em 2001 a Ecocert se estabelece no Brasil, inicialmente constituída como uma Associação e posteriormente, em 2005 como uma empresa Ltda. (ORGANISMO DE INSPEÇÃO E CERTIFICAÇÃO A SERVIÇO DO HOMEM E DO MEIO AMBIENTE NO BRASIL, 2015).

Mapa N° 02: Fragmentação da comercialização de produtos agrícolas de Alagoa Nova -PB



Na empresa rural citada são comercializados vários tipos de folhagens e hortaliças, chegando a mais de 100 (cem) componentes, através de produtos tradicionais e orgânicos em um modelo de produção, dominante na região. Por conta de seu poder econômico a empresa mantém uma submissão socioeconômica de muitos pequenos produtores tanto no sítio Ribeiro quanto de outras localidades. Além disso, para toda a produção exige-se grande quantidade de água que tem sido escassa nos últimos anos, devido à atuação do homem que explora incessantemente os recursos naturais.

## 2.2 IRRIGAÇÕES NAS HORTALIÇAS

Por conta dos problemas de estiagens a empresa necessita de irrigação e adubo para suprir toda demanda produtiva, a empresa Hortaliças Sempre Verde vem investindo em poços artesianos para suprir a carência hídrica, mas até o mês de fevereiro de 2015 tinham sido feitas

três tentativas que não tiveram êxito. As figuras a seguir mostram a perfuração e a irrigação por aspersão na empresa Hortaliças Sempre verde.

Figura: Nº 07: Perfuração de poço artesiano



Figura: Nº 08: irrigação por aspersão na empresa Hortaliças Sempre Verde



Fonte: Fotos do autor-17/02/2015

Em entrevista realizada na sede da empresa constatamos que uma das preocupações dos administradores, diante da necessidade de água, era a manutenção da produção de folhagens. Como também, identificamos a expansão territorial da empresa através da compra gradativa de terras de pequenos agricultores que se localizavam aos arredores da empresa com o objetivo de garantir futuras construções de açudes e barreiros para a demanda produtiva, pois a água não é suficiente e exige permanentes ampliações dos reservatórios.

Neste sentido, compreendendo o território como espaço produzido a partir das relações de poder (SOUZA Apud Castro 2010, p.19), identificamos uma apropriação das terras dos pequenos agricultores pela empresa Hortaliças Sempre Verde. As figuras a seguir mostram a construção de barragens, o reaproveitamento de água ao longo do curso de um riacho para a irrigação na empresa e caminhão que transporta água para abastecer os barreiros da empresa.

Figuras Nº 09 e Nº 10: Construção de barragens para irrigação das hortaliças na empresa ao longo de córrego próximo a propriedade.



Fonte: Fotos do autor, 17/02/2015

Figura: Nº 11: Calhas no calçamento que liga a empresa ao sítio Ribeiro, para reaproveitar a água pluvial.

Figura nº 12: Caminhão para o abastecimento de água.



Fonte: Fotos do autor, 17/02/2015 e 02/04/2015.

Toda a água captada, represada ou perfurada, é destinada à irrigação da produção de folhagens. Estas obras estão sendo realizadas para suprir a escassez hídrica da empresa e prejudicaram e expulsaram alguns pequenos agricultores de seus territórios, pois muitos foram obrigados a vender a preços baixos suas propriedades ao dono da empresa devido as inundações ocasionadas pelas barragens feitas na localidade. Neste aspecto, corroborando com Haesbert (2010) percebe-se a desterritorialização destes pequenos produtores, como também alguns passaram a vender sua força de trabalho à empresa que os despossuiu.

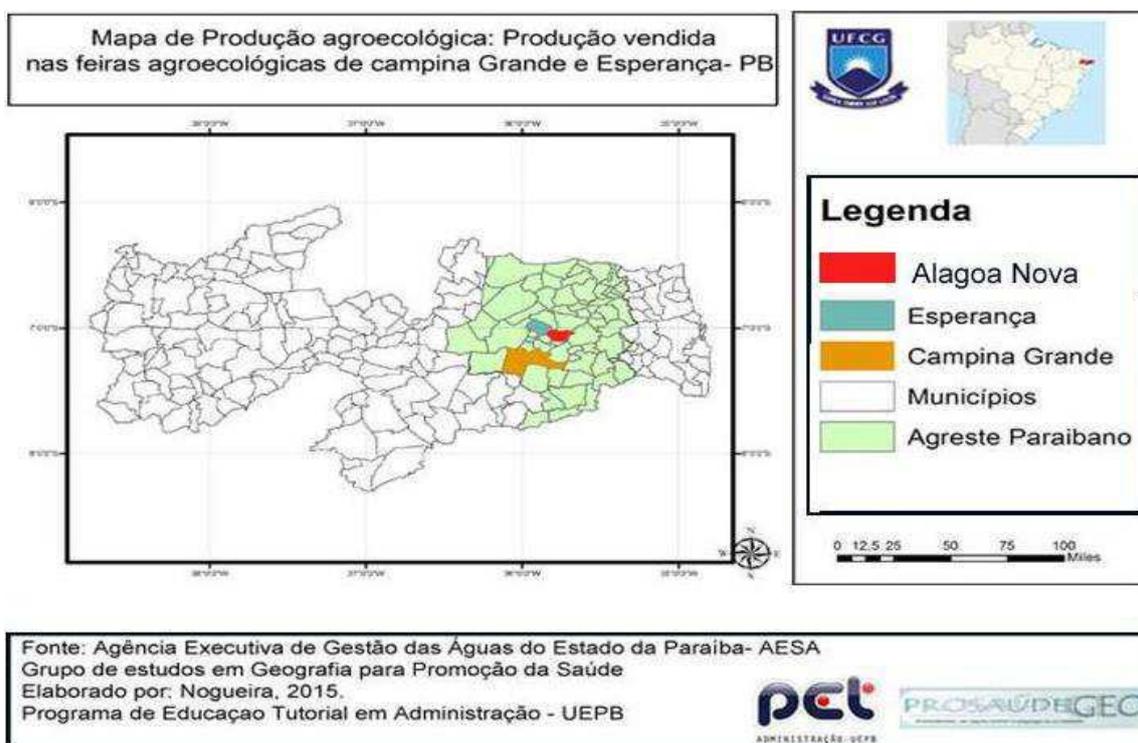
Os aspectos, citados anteriormente, demonstram a apropriação do capital a partir da expropriação dos trabalhadores. Contudo, também existem reações a estas práticas capitalistas por pequenos agricultores, as quais destacaremos a seguir.

## CAPÍTULO III

### FEIRAS AGROECOLÓGICAS: uma contra hegemonia?

Há no Sítio Ribeiro cerca de dez (10) agricultores que produzem e comercializam produtos orgânicos nas feiras agroecológicas de Esperança-PB e Campina Grande-PB, mantendo uma produção direta ao consumidor sem atravessadores. Estas feiras agroecológicas já duram mais de 12(doze) anos, uma conquista para os pequenos produtores. A participação do Estado em seus níveis Municipal, Estadual e Federal foi importante para a conquista dos territórios usados para a comercialização de produtos agroecológicos nas feiras. O mapa a seguir mostra os municípios de Esperança e Campina Grande, territórios usados para a venda da produção nas feiras agroecológicas dos produtores do sítio Ribeiro;

Mapa: Nº 03: Produção Agroecológica vendida nas feiras de Esperança-PB e Campina Grande-PB



As feiras agroecológicas de Esperança acontecem aos sábados, no mesmo dia da feira tradicional e as feiras agroecológicas da Estação Velha e do Catolé, em Campina Grande, acontecem nas quartas e sextas feiras respectivamente. Estas feiras dão uma maior notoriedade para a produção dos pequenos agricultores, como destacado pelo produtor A:

Você vende o produto, embora seja mais barato do que os dos supermercados, mas você tá vendendo é vida. Ali o consumidor fica satisfeito [...]. Então nas feiras os clientes também são muito agradecidos, né? [...] E tem aqueles que vão (há eu vim só pra passear). Têm aqueles que gostam de ir, né? Não deixam de ir são clientes! (entrevista realizada em 10/06/2013)

Esta descrição demonstra que as inter-relações construídas nas feiras vão além das questões econômicas, pois existem relações de cordialidade e de amizade que ultrapassam as relações puramente econômicas.

A busca de novas territorialidades advindas das feiras agroecológicas constitui-se na tentativa de uma maior autonomia agrícola da pequena produção do Sítio Ribeiro. Nesta perspectiva, a agricultura familiar vem adquirindo uma organização política através de organizações não governamentais como a Ecoborborema (uma associação de produtores agroecológicos do Agreste), do Polo sindical da Borborema (PSB), além de representações de vários sindicatos da região e de associações locais.

A Ecoborborema é uma associação dos pequenos agricultores agroecológicos do compartimento da Borborema que possui associados em mais de dezesseis municípios com o objetivo de vender sua produção diretamente nas feiras agroecológicas. Já o Polo Sindical da Borborema representa os agricultores da Borborema, numa articulação de sindicatos para organizar a agricultura familiar na região Agreste. Esta entidade tem várias ramificações da agricultura familiar, atuando na distribuição de sementes nativas, mudas frutíferas, cisternas de placas, e apoiando a produção e as feiras agroecológicas regionais. Um dos coordenadores do Polo Sindical da Borborema ressalta que:

Já existia uma questão da agroecologia na agricultura familiar que trabalhavam sem veneno, sem agrotóxico. [...] Estava com uma parceria com a ASP-TA, que trabalhava nos municípios de Remígio, Solânea e Lagoa Seca. Depois que nós criamos o Polo Sindical, então a gente começou a trabalhar com oito municípios, implantando a agricultura familiar livre de agrotóxicos. Em 2001, teve um encontro regional de Agroecologia, onde participaram umas trezentas pessoas, entre trabalhadores rurais, experimentadores e sindicalistas. Aí se ampliou para quinze sindicatos, [...] se criou um projeto de agroecologia aqui na Borborema. (entrevista realizada o sindicalista B, em 02/07/2013).

O Polo Sindical da Borborema possui, de acordo com o sindicalista, cerca de 82 (oitenta e dois) bancos de sementes com sede na cidade de Montadas-PB no Agreste. Já a Ecoborborema surgiu no ano de 2002 (dois mil e dois) com o título de “Natal sem veneno”, consistindo numa organização entre agricultores com o objetivo de difundir uma alimentação mais saudável para a população e rentável para sua família. A instituição tem sua sede de

reuniões e articulações na cidade de Lagoa Seca-PB, funcionando na sede do sindicato dos agricultores daquele município.

Figuras Nº 13 e Nº 14: Reunião da Ecoborborema em Lagoa Seca-PB



Fonte: Foto do autor, 28/05/2012

Os agricultores associados recebem apoio técnico da Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA), visando uma alternativa econômica e sustentável para a agricultura familiar na localidade de cada agricultor. Com um técnico agrícola que visita os lotes de terras dos agricultores para fiscalização da produção e certificar que eles não estão produzindo com algum agrotóxico. Há também, de acordo com os relatos dos próprios agricultores, uma fiscalização interna entre eles para a garantia da produção saudável sem uso de produtos químicos.

Na busca por autonomia Haesbert (2010, p.173) ressalta que “a construção da autonomia pelos grupos sociais é cada vez mais difícil, pois redes cada vez mais globais amarram a vida cotidiana numa trama de (des)controle em múltiplas escalas”. Por isso, existe a necessidade da fiscalização interna deles para garantirem a qualidade de seus produtos e manterem as suas clientelas.

A busca por autonomia e liberdade camponesa a partir das Feiras Agroecológicas, a nosso ver, imprime no território novas formas de relações de poder. O campesinato, cada vez mais instrumentalizado de estratégias, com o crescente apoio da sociedade, enfrenta diretamente o capital que historicamente o colocou em uma situação de subordinado, explorado. A sua busca por um meio alternativo de escoamento da produção, é uma luta contra os mecanismos de sujeição da renda da terra representados pela monopolização do território nos assentamentos pelo capital comercial ou industrial. (SANTOS, 2007, p.77/78)

Por esta razão a ação destes agricultores organizados, a partir de um produto ecologicamente correto, promove uma contra hegemonia ao controle de mercado mais amplo. Neste contexto, (CARVALHO, 2007) ressalta que a agroecologia assume um papel de fundamental importância para a sobrevivência das famílias camponesas, constituindo-se como um fator significativo para o desenvolvimento sócio- territorial. Ademais,

As práticas agroecológicas resultam culturalmente compatíveis com a racionalidade produtiva camponesa, pois se constroem sobre o conhecimento agrícola tradicional, combinando este conhecimento com elementos da ciência agrícola moderna. (LEFF, 2002, p.41)

É inegável que o modelo agroecológico busca uma autossustentabilidade da agricultura de subsistência, porém também necessita se adaptar as estratégias e táticas capitalistas para manter-se no mercado, sejam através das feiras, ou de programas governamentais para manutenção da agricultura familiar.

Figura: Nº 15: certificado dos pequenos produtores das feiras agroecológicas



Fonte: Foto do autor, 11/06/2013.

A certificação orgânica é direcionada para os pequenos agricultores que destinam suas produções para as feiras agroecológicas da região, todas mantidas com o aval do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Na fala de uma das lideranças da Ecoborborema é ressaltado que: “Essa certificação não é paga, essa certificação [...] é feita pelo Ministério da Agricultura, o MAPA. Ela é participativa porque só serve para vender direto aos consumidores, nas feiras”. (Camponês do Ribeiro em 10/06/2013).

Os produtos direcionados às redes varejistas buscam uma maior lucratividade, já as certificações dos agricultores agroecológicos têm um caráter mais social, mesmo que se adaptando as estratégias do capitalismo atual.

Contudo, verificamos que a produção agroecológica e os próprios produtores ainda são poucos se comparado aos agricultores convencionais. Percebe-se também que há dificuldade para outros agricultores conseguirem certificações e entrar nas feiras agroecológicas, pois para entrar nessas feiras têm participar de uma reunião entre os próprios agricultores agroecológicos e ter o aval para produzir e comercializar de forma orgânica. E este processo também é seletivo, pois são poucos os que conseguem ser aprovados e entrar nas feiras e entidades.

### **3.1 FEIRAS LIVRES: a lógica capitalista também está presente**

As feiras livres constituem espaços de comercialização direta dos feirantes que apesar da dinâmica de expansão urbana resistem e constituem-se como paisagens do espaço urbano, dentro de uma lógica capitalista de consumo a adaptações coexistentes no cotidiano urbano.

As feiras livres constituem um exemplo de espaço de comercialização que foge ao esquema usual de distribuição dos outros programas comerciais – como supermercados, sacolões e mercados: seu caráter é temporário e sua estrutura possibilita grande capacidade de adaptação a diversas situações. As feiras ocupam espaços urbanos com diferentes características (mesmo que por um curto período de tempo), podendo atender tanto a demandas de consumo locais como metropolitanas. Daí o seu potencial em atender tanto ao pequeno comerciante, que não tem a oportunidade de adquirir um ponto comercial dentro desses outros programas comerciais, como a um público específico que busca alternativas de consumo. (BRASIL, 2010, p.20).

A periodicidade semanal da maioria das feiras constituem-se verdadeiras relíquias que persistem desde a antiguidade com o surgimento do comércio a partir das grandes navegações com o início da racionalidade capitalista. Porém, estes mercados periódicos também proporcionam inter-relações socioculturais que não são proporcionadas em outros locais comerciais.

A feira é um espaço democrático de convivência, em que os sujeitos sociais se encontram, trocam experiências e vivências e aprendem mutuamente, informalmente, ao lado de toda modernidade dos grandes conglomerados de redes de supermercados. A feira resiste e essa resistência tem sua origem na própria forma de como as pessoas que dela participam vão criando estratégias de sobrevivência, formas e meios de continuar subsistindo, mostrando sua

visibilidade quando muitas vezes são vistos como se fossem seres invisíveis. (MEDEIROS 2010, p.45)

Nos espaços das feiras agrícolas, sobretudo nas agroecológicas da região agreste da Paraíba, há uma troca constante de conhecimentos em meio à modernidade do urbano. Esta troca dá-se entre os pequenos agricultores sejam nas feiras livres ou nas propriedades rurais num processo contínuo de permanência de práticas e culturas agrícolas em meio ao marketing dos supermercados que têm como estratégia capitalista atrair maiores quantidades de consumidores. Os supermercados foram criados com o objetivo de centralizar e atrair para a lógica do capital e dos clientes na tentativa de dinamizar no mesmo local o comércio alimentício. Porém, na atualidade, as feiras ainda persistem, embora com dificuldades em algumas localidades. As próximas figuras mostram as feiras agroecológicas da Estação Velha e do Catolé em Campina Grande- PB e em Esperança-PB.

Figuras: Nº 16 e Nº 17: Feiras da Estação Velha e do Catolé em Campina Grande



Fonte: Fotos do autor, agosto de 2011.

Figura: Nº 18: Feira agroecológica de Esperança-PB



Fonte: Foto do autor: 15/06/2013

Estes mercados periódicos ampliam sua relação com a sociedade, através da confiança entre os feirantes e clientes, pois estes podem fazer suas compras a preços mais baratos do que nos supermercados, configurando-se numa relação sócio territorial cotidiana.

O marketing capitalista dos supermercados para a estratégia financeira visa o lucro em meio à exploração da base da cadeia produtiva de alimentos que é o pequeno agricultor. Os produtos orgânicos oriundos da pequena produção familiar, sob a estratégia do marketing econômico, chegam ao consumidor final das redes de supermercados por preços exorbitantes do comprado ao pequeno agricultor.

Os consumidores atraídos pelo marketing das redes varejistas são de todas as classes sociais. Contudo, a disseminação de uma alimentação saudável ainda é reduzida a uma minoria. Mesmo com as feiras livres com produção mais barata, os consumidores que adquirem estes produtos são pessoas mais esclarecidas sobre a importância destes produtos. Portanto, esta é uma produção que atende pequenas parcelas da população. E seriam necessárias medidas educacionais para se propiciar uma maior divulgação destes produtos agrícolas de melhor qualidade. No entanto, este é um desafio que ainda precisa ser superado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos, no decorrer do trabalho, que a Hortaliças Sempre Verde, possui característica atual de empresa capitalista que se utiliza da produção flexível para ampliar a sua lucratividade. Ademais, a referida produção ocorre através de uma fragmentação territorial tanto no aspecto de produtividade quanto de comercialização.

Contudo, também existem agricultores, principalmente os que trabalham com produtos agroecológicos que se contrapõem a esta lógica e buscam sua autonomia através da comercialização nas feiras agroecológicas. Porém, é importante ressaltar que a participação destes agricultores tem sido seletiva a partir das entidades organizativas deles. E isto tem dificultado a entrada de outros membros.

Sendo assim, as relações capitalistas da Hortaliças Sempre Verde encontra, também nesta seletividade, espaços para adentrar na produção camponesa subcontratando a produção dos agricultores agroecológicos, a partir da demanda das redes varejistas de alimentos, através dos supermercados. Como também, apropria-se de territórios dos pequenos produtores para garantir os recursos hídricos necessários a sua produção.

Desta forma, estão subjacentes nas inter-relações estabelecidas entre a empresa Hortaliças Sempre Verde e os pequenos agricultores um processo de exploração em que a fragmentação territorial produtiva traz condições para se manter no mercado, através da flexibilidade nas relações de trabalho.

Contudo, também existem reações dos pequenos produtores agroecológicos que através da mobilização coletiva encontram formas alternativas de garantir-se no mercado através das feiras, buscando sua autonomia em contrapartida à lógica dominante.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1992.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste: Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. 6º ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998.
- BELLEZA, Cynthia Sims. **Clube dos Produtores e a percepção dos agricultores no território da Borborema, PB** - uma análise de conteúdo sobre acesso a mercados e responsabilidade socioambiental. Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília. Brasília, 2014.
- BRASIL. **Brejos de altitude em Pernambuco e Paraíba: história natural, ecologia e conservação**. Brasília, DF. 2004.
- BRASIL. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/segurancaalimentar/equipamentos/feirasmercados/arquivos/feiras-livres-da-agricultura-familiar-roteiro-de-implantacao.pdf> Acesso em 12 mar. 2015.
- BRASIL. **Relatório final Grupo de Trabalho Interministerial para Redelimitação do Semi-árido Nordestino e do Polígono das Secas**. 2005
- CARVALHO, Horácio Martins de. **Desafios para o Agroecologista como portador de uma nova matriz tecnológica para o campesinato**. Curitiba, 2007. Mimeo.
- CASTILHO, Ricardo; FREDERICO, Samuel. **Espaço Geográfico, Produção e Movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo**. Revista Sociedade Natureza, Uberlândia, 2010.
- CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo Cesar da Costa. CORREA, Roberto Lobato. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro, Bertrand. 2010.
- CLEPS JUNIOR, João. Questão Agrária, Estado e Territórios em disputa: os enfoques sobre o agronegócio e a natureza dos conflitos no campo brasileiro. In: GUZMÁN, Eduardo Servilha. **Uma estratégia de sustentabilidade a partir da Agroecologia**- Revista de Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, v.2, n.1. Porto Alegre, jan/mar, 2001.
- HAESBERT, Rogério. Entre as redes e os aglomerados de exclusão. In/ CASTRO, Iná Elias de. GOMES; Paulo Cesar da Costa; CORREA, Roberto Lobato. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro, Bertrand. 2010

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.252p.

\_\_\_\_\_. Do fordismo à acumulação flexível. In: **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993, p. 135-176.

HORTALIÇAS SEMPRE VERDE: RESPONSABILIDADE COM A SAÚDE E COM O MEIO AMBIENTE. Disponível em: <http://www.hortalicasempreverde.com/empresa.html>  
Acesso em: 20 maio 2015.

ITABORAHY, Nathan Zanzoni. Et Al. REPENSAR ESCALAS, REPENSAR TERRITÓRIOS: o desafio geográfico no desvendar dos territórios (subalternos) da Agroecologia. 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/nugea/files/2010/09/Repensar-escalas-repensar-territórios.pdf> Acesso em: 20 maio 2015.

LEFF, Henrique. **Agroecologia e Saber Natural**. Agroecologia e Desenvolvimento rural Sustentável. Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar, 2002.

MEDEIROS, Jorge França da Silva. **AS FEIRAS LIVRES EM BELÉM (PA): Dimensão Geográfica e Existência Cotidiana**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belém, 2010.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. FFLC: São Paulo, 2007.185p.

ORGANISMO DE INSPEÇÃO E CERTIFICAÇÃO A SERVIÇO DO HOMEM E DO MEIO AMBIENTE NO BRASIL. Disponível em: <http://www.brazil.ecocert.com> Acesso em: 30 maio 2015.

PIANA, Maria Cristina. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional**. São Paulo: UNESP, 2009. Disponível em: <http://scielo.org> Acesso em: 06 maio 2015.

PRADO JR, Caio. **A Questão Agrária no Brasil** - 6. Ed.- São Paulo: 1979. Brasiliense.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 2009.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço Habitado**: Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. São Paulo. 2008.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2001.

SANTOS, Thiago Araújo. **Território e relações de poder: A busca por autonomia camponesa por meio da feira agroecológica da UFPB.** Universidade Federal da Paraíba/UFPB (*monografia de graduação*). João Pessoa, 2007.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. **A questão Agrária na América Latina.** Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1976.